

Coleção Jurema Viva: Mulheres, Rituais e Sabedoria Ancestral

Mestra Luziara

Mestra Luziara

Sinopse

Na profundidade das florestas e na alma das tradições, surge Luziara, uma mulher comum destinada a se tornar uma das maiores mestras da Jurema Sagrada. Desde criança, sua conexão com os mistérios ancestrais a conduz por um caminho repleto de desafios, ensinamentos e revelações. Entre cânticos sagrados, rituais de cura e o poder das ervas, Luziara descobre que sua missão vai além da espiritualidade pessoal: é sobre liderar sua comunidade e preservar uma sabedoria milenar ameaçada pelo esquecimento.

Coleção Jurema Viva: Mulheres, Rituais e Sabedoria Ancestral - Mestra Luziara convida o leitor a percorrer um universo mágico e transformador, onde a força feminina se une à natureza e ao sagrado para enfrentar os desafios do mundo moderno. Em cada capítulo, um novo ensinamento emerge, guiando a protagonista e aqueles ao seu redor em direção ao equilíbrio, à cura e à liberdade espiritual. Um tributo às mulheres que mantêm viva a chama dos encantos e da sabedoria ancestral.

Mestra Luziara



Mestra Luziara

Parte 1 - As Raízes de Luziara

Mestra Luziara

Luziara tinha apenas sete anos quando ouviu, pela primeira vez, o sussurro das árvores. Não era o som comum das folhas ao vento; era algo diferente, profundo, quase como uma melodia cantada pelas raízes que abraçavam a terra. Sua avó, Dona Maricota, sempre dizia que a floresta tinha vida, mas Luziara nunca imaginou que pudesse senti-la tão intensamente.

Naquela tarde quente, enquanto brincava perto do riacho, uma brisa suave passou por seu rosto, trazendo o perfume das flores selvagens e uma sensação de paz que ela nunca havia experimentado antes. As águas do rio pareciam dançar ao ritmo de uma canção que só ela conseguia ouvir. Curiosa, seguiu a correnteza até um ponto onde nunca estivera antes.

Ali, encontrou uma árvore gigantesca, de tronco largo e galhos que pareciam tocar o céu. A madeira exalava um cheiro doce, e suas folhas brilhavam como se estivessem banhadas por um sol dourado, mesmo na sombra da mata. Aproximando-se com cautela, Luziara sentiu um calor reconfortante ao tocar a casca áspera.

— Você está ouvindo, menina? — perguntou uma voz velha e rouca.

Luziara virou-se de súbito, o coração disparado. Era uma mulher de cabelos brancos e olhos tão profundos quanto a noite, que surgira como se fosse parte da mata.

— Quem é a senhora? — perguntou Luziara, entre a curiosidade e o receio.

— Alguém que sabe que você escutou o chamado — respondeu a mulher, com um sorriso enigmático. — Não se preocupe. Você é especial, pequena. A floresta te escolheu.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, a mulher desapareceu entre as árvores, deixando para trás apenas o eco de sua voz.

A menina permaneceu imóvel por alguns segundos, sentindo o coração bater acelerado. O que significava ser "escolhida"? Por

Mestra Luziara

que ela? Ao voltar para casa naquela noite, Luziara não conseguiu esquecer o que acontecera.

Nos dias seguintes, os ventos pareceram falar mais alto, os animais pareciam observá-la e até o rio parecia sussurrar segredos em sua correnteza. Dona Maricota notou o comportamento diferente da neta e disse:

— Minha menina, parece que os Encantados começaram a lhe notar. Quando a floresta chama, é porque tem trabalho pra gente cumprir.

Aquelas palavras ecoaram na mente de Luziara por anos. Ainda que não compreendesse completamente o que estava acontecendo, algo dentro dela sabia que aquele momento era apenas o início de uma jornada que mudaria sua vida para sempre. A mata havia se tornado mais do que um lugar; era um portal para um mundo de mistérios, de onde sua verdadeira essência começaria a emergir.

E assim, o chamado da floresta marcava o primeiro passo de Luziara rumo ao seu destino como guardiã de uma sabedoria tão antiga quanto a própria terra.

A noite caía lentamente, tingindo o céu com tons de azul-escuro e dourado, enquanto a mata ao redor de Luziara mergulhava em um silêncio profundo, quebrado apenas pelo canto dos grilos e o murmúrio do vento. Dona Maricota havia lhe dado permissão para passar mais tempo na beira do riacho, mas já estava tarde. Mesmo assim, algo naquela noite parecia diferente, quase mágico.

A lua cheia surgia no horizonte, brilhando com uma intensidade que parecia iluminar até os recantos mais sombrios da floresta. Luziara sentia o coração inquieto, como se algo grande estivesse prestes a acontecer. Sem saber por quê, seus pés descalços a guiaram para além do riacho, para uma clareira que ela nunca tinha visitado antes.

Chegando lá, encontrou um círculo de pedras que reluziam sob a luz da lua. No centro, uma neblina densa parecia dançar como se tivesse vida própria. Luziara hesitou. Tudo em sua mente dizia

Mestra Luziara

para voltar, mas seu coração, pulsando forte, a empurrava para frente.

Ela entrou na clareira devagar, cada passo ressoando em seus ouvidos como um tambor. O ar estava carregado, denso, e parecia vibrar ao redor dela. Foi então que aconteceu.

A neblina no centro do círculo começou a se erguer, tomando forma. Primeiro, parecia apenas uma figura indistinta, mas logo, diante de seus olhos arregalados, surgiu um espírito ancestral. Era uma mulher de aparência majestosa, vestida com um manto feito de folhas e flores que pareciam vivas. Seus olhos brilhavam como brasas, e sua voz, quando falou, soou como o próprio vento.

— Luziara, filha da terra e do vento, você ouviu o chamado — disse a entidade, sua voz ao mesmo tempo grave e suave.

A menina engoliu em seco, suas mãos trêmulas segurando a barra do vestido.

— Quem... quem é você? — sussurrou Luziara, mal acreditando no que via.

— Sou aquela que caminha entre os mundos, guardiã dos segredos da Jurema. Venho até você porque sua jornada começa aqui.

Luziara tentou entender aquelas palavras, mas tudo parecia tão confuso. Ela só conseguia balbuciar:

— Por que eu?

O espírito sorriu, um sorriso que parecia carregar eras de sabedoria.

— Porque você é escolhida pela floresta. Dentro de você há uma força que ainda não conhece, mas que precisará descobrir. O caminho não será fácil, menina, mas será necessário.

Antes que pudesse perguntar mais, a entidade estendeu a mão. Na palma, uma luz dourada começou a brilhar, formando o que parecia ser um objeto: um pequeno amuleto em forma de folha.

— Este é o enigma que guiará sua jornada — disse o espírito, entregando o amuleto a Luziara.

Mestra Luziara

Assim que o objeto tocou suas mãos, uma visão poderosa tomou conta de sua mente. Ela viu imagens de florestas vastas, rios caudalosos e um altar antigo onde mulheres rezavam em círculo. Ouvia cânticos em uma língua que não conhecia, mas que, de algum modo, compreendia. Sentiu o cheiro das ervas, a força da terra e o calor do fogo. E então, viu algo que a deixou sem fôlego: sua própria imagem, já adulta, guiando pessoas em um ritual.

Quando voltou a si, o espírito estava desaparecendo, dissolvendo-se na neblina como se nunca tivesse estado ali. Antes de partir completamente, deixou uma última mensagem:

— Confie na floresta. Confie em você. O caminho é longo, mas você encontrará as respostas.

Sozinha na clareira, Luziara olhou para o amuleto em suas mãos. Era pequeno, mas parecia pulsar com uma energia própria, como se carregasse o coração da floresta. Ela não sabia o que o enigma significava, mas sentia, no fundo de sua alma, que aquela noite marcava um ponto de não retorno.

De volta à casa de Dona Maricota, Luziara tentou explicar o que havia acontecido, mas as palavras não eram suficientes para descrever. Sua avó, no entanto, não precisou de explicações. Apenas olhou para o amuleto e sorriu.

— A primeira visão sempre é a mais forte — disse Dona Maricota, acariciando os cabelos da neta. — Ela vai te guiar, minha menina. Mas lembre-se: os espíritos mostram o caminho, mas cabe a nós trilhá-lo.

Naquela noite, Luziara dormiu com o amuleto embaixo do travesseiro, sentindo-se ao mesmo tempo assustada e esperançosa. O que significava ser escolhida? Que respostas ela deveria encontrar?

O que ela não sabia era que aquela visão era apenas o início de uma jornada que a levaria a explorar não apenas os mistérios da floresta, mas também os segredos mais profundos de si mesma.

Mestra Luziara

O amanhecer chegou dourando as folhas da mata, mas Luziara mal notou. Desde a noite da visão, seus pensamentos estavam fixos no espírito ancestral e no enigma que agora carregava como um segredo em seu peito. Dona Maricota, sempre sábia, observava a inquietação da neta sem forçar palavras, até que, após o café da manhã, decidiu que era hora de agir.

— Vamos dar um passeio, menina — disse, enquanto recolhia seu xale de algodão.

— Para onde, vó? — perguntou Luziara, sentindo um misto de curiosidade e ansiedade.

— À casa de alguém que pode te ajudar a entender o que você viu. Maricota não disse mais nada, deixando que o mistério pairasse no ar. Juntas, caminharam por uma trilha que serpenteava entre árvores antigas e riachos cristalinos. A cada passo, Luziara sentia a floresta mais viva, como se ela própria soubesse para onde estavam indo.

Após quase uma hora de caminhada, chegaram a uma cabana simples, construída com troncos e coberta por palha. Uma fumaça branca e aromática saía da chaminé, misturando-se com o perfume das ervas que cresciam ao redor. Um homem idoso, de pele escura e olhos profundos como um lago, estava sentado em um banco de madeira, trançando um cesto. Ele ergueu o olhar assim que as viu.

— Bom dia, Dona Maricota — disse ele com uma voz firme, mas acolhedora. — Veio me trazer a menina, não é?

Luziara olhou para a avó, surpresa.

— Como ele sabe? — sussurrou.

— O Pajé Caluanã sempre sabe, minha neta — respondeu Maricota, com um sorriso.

O homem se levantou, deixando o cesto de lado. Ele era alto e magro, mas sua presença preenchia o espaço como se fosse uma árvore centenária. Caminhou até Luziara, seus olhos examinando-a com cuidado.

Mestra Luziara

— Então, você é a escolhida pela floresta — disse ele, mais como uma constatação do que uma pergunta. — Vejo o brilho do chamado em seus olhos, menina.

Luziara ficou sem palavras. Não sabia como responder àquele homem que parecia enxergar dentro de sua alma.

— Você teve uma visão, não foi? — perguntou ele, ajoelhando-se para ficar na altura da menina.

Ela assentiu, hesitante, e tirou o amuleto do bolso.

— Foi um espírito... Ela me deu isso — explicou, a voz baixa.

Caluanã pegou o amuleto com cuidado, segurando-o como se fosse feito de cristal. Ele o girou na mão, analisando os detalhes, enquanto murmurava palavras em uma língua que Luziara não compreendia. Após um momento, devolveu o objeto e disse:

— Este é um presente raro. Os Encantados não entregam algo assim a qualquer um. Ele é a chave para o que você deve aprender, mas o caminho é longo, menina. Está pronta para começar?

— Eu não sei... Mas acho que sim — respondeu Luziara, ainda confusa.

Caluanã sorriu, satisfeito com a sinceridade da menina.

— O primeiro passo é entender que você não está sozinha. A floresta é sua aliada, e os Encantados te observam, mas você precisa aprender a ouvir e ver o que eles mostram. Isso requer silêncio e paciência.

Ele gesticulou para que ela o seguisse até um pequeno altar montado do lado de fora da cabana. Feito de pedras, folhas e figuras entalhadas em madeira, o altar exalava um aroma de defumação que Luziara achou reconfortante.

— Sente-se aqui — instruiu o pajé, apontando para um banquinho de madeira. — Vamos começar com algo simples. Quero que feche os olhos e escute.

Luziara obedeceu, sentindo-se estranhamente calma. Ao fechar os olhos, o som da mata ao redor ficou mais intenso: o canto dos

Mestra Luziara

pássaros, o farfalhar das folhas e até o som distante da água correndo.

— O que você ouviu? — perguntou ele.

— A floresta... — respondeu Luziara, hesitante.

— Não, menina. Ouça além disso. Escute o que está escondido.

Ela respirou fundo, tentando se concentrar. No início, parecia impossível ouvir qualquer coisa além dos sons naturais, mas, com o tempo, algo começou a emergir: uma melodia suave, quase imperceptível, que parecia vir do próprio solo.

— Eu ouço uma música... — disse ela, com os olhos ainda fechados.

— Isso! — exclamou Caluanã, batendo palmas. — Essa é a voz da Jurema. É assim que ela fala com quem está pronto para escutá-la. Luziara abriu os olhos, surpresa e emocionada. Aquilo era real. Ela realmente havia sentido algo além do que seus sentidos comuns podiam captar.

— Isso é só o começo, menina. A Jurema tem muito a te ensinar, mas você precisa estar disposta a ouvir e aprender com humildade. Cada folha, cada raiz, cada pedra tem uma história para contar.

Dona Maricota, que observava tudo em silêncio, finalmente falou:

— E agora, o que vem depois, Pajé?

— Depois, ela precisa começar a caminhar sozinha — respondeu ele. — Mas não se preocupe, Dona Maricota. A menina tem força. Ela vai longe.

Ao deixar a cabana naquele dia, Luziara sentia algo diferente dentro de si. Não era mais apenas curiosidade ou medo; era uma determinação tranquila, um desejo de entender o que significava ser escolhida pela floresta e pela Jurema.

Ela sabia que o caminho seria longo e cheio de desafios, mas, com a orientação de Caluanã e o amuleto em mãos, estava pronta para dar os primeiros passos em sua jornada para descobrir os mistérios do mundo espiritual.

Mestra Luziara

O sol brilhava forte naquela manhã, mas a floresta parecia ainda mais viva, como se cada folha e galho tivessem algo a dizer. Luziara seguia por uma trilha que nunca tinha visto antes, guiada por Dona Maricota. A avó caminhava devagar, mas com passos decididos, como se soubesse exatamente para onde estava indo.

— Onde estamos indo, vó? — perguntou Luziara, tentando conter a ansiedade.

— Para encontrar alguém que sabe mais do que eu e o Pajé Caluanã juntos — respondeu Maricota, com um sorriso misterioso. — Você já ouviu falar de Dona Jacinta?

Luziara balançou a cabeça, confusa.

— Ela é uma velha Juremeira, menina. Sabe coisas que até a floresta guarda em segredo. Se tem alguém que pode te ajudar a entender o que está acontecendo, é ela.

A menção de uma “velha Juremeira” fez o coração de Luziara acelerar. Apesar de já ter ouvido histórias sobre essas mulheres sábias, nunca tinha conhecido uma. Diziam que elas conversavam com os Encantados, conheciam o poder das plantas e guardavam segredos que nem mesmo os mais velhos ousavam revelar.

Depois de uma longa caminhada, chegaram a um pequeno campo aberto, onde uma única árvore imensa se erguia. Seus galhos se espalhavam como braços protetores, e sua copa era tão densa que bloqueava a luz do sol, criando um jogo de sombras e luz no chão. Ao pé da árvore, sentada em um banco de madeira, estava Dona Jacinta.

A velha mulher era pequena e franzina, com cabelos completamente brancos presos em um coque. Seus olhos, porém, brilhavam com uma vivacidade impressionante, como se ela pudesse ver além do que estava diante dela. Quando notou a aproximação de Luziara e Maricota, abriu um sorriso largo.

— Eu já estava esperando vocês — disse ela, com a voz rouca, mas acolhedora.